Marcos Calori

ESTUDOS BÍBLICOS

14

A VERDADE DA JUSTIÇA

Tércio Machado Siqueira
Gilberto Gorgulho
Roberto Fitzpatrick
Domingos Zamagna
Paulo de Tarso Lockmann
Ana Flora Anderson
José Comblin

VOZES

DIRETOR RESPONSÁVEL

Ludovico Garmus

CONSELHO DE REDAÇÃO

Gilberto Gorgulho, Carlos Mesters, Ludovico Garmus, Ana Flora Anderson, Milton Schwantes, José Comblin, Tércio Machado Siqueira.

RESPONSÁVEL POR ESTE NÚMERO

Domingos Zamagna

COLABORADORES

Ana Flora Anderson, Gilberto Gorgulho, José Comblin, Carlos Mesters, Pedro Kramer, Milton Schwantes, Wolfgang Gruen, Johan Konings, Carlos Dreher, Bertoldo Weber, Alberto Antoniazzi, Sebastião A. G. Soares, Etienne G. Samain, Paulo de Tarso Lockmann, Tércio Machado Siqueira, Leonardo Boff, Elsa Tamez, Pablo Richard, Sandro Gallazzi, Francisco Rubeaux.

2040

Estudos Bíblicos

14

A Verdade da Justiça

TÉRCIO MACHADO SIQUEIRA
GILBERTO GORGULHO
ROBERTO FITZPATRICK
DOMINGOS ZAMAGNA
PAULO DE TARSO LOCKMANN
ANA FLORA ANDERSON
JOSÉ COMBLIN

VOZES

Petrópolis
1987

© 1987, Editora Vozes Ltda.
Rua Frei Luís, 100
25689 Petrópolis, RJ
Brasil

Diagramação
Valderes Barboza

Sumário

Editorial, 7

TÉRCIO MACHADO SIQUEIRA. Conhecer a Deus é praticar a justiça (Jr 22,13-19), 9

GILBERTO GORGULHO. Malaquias e o discernimento da justiça, 18

ROBERTO FITZPATRICK. A verdade da resistência, 32

DOMINGOS ZAMAGNA. A justiça é imortal (Sb 1,15), 39

PAULO DE TARSO LOCKMANN. Mt 5,17-20: A justiça e o justo, 44

ANA FLORA ANDERSON. O Evangelho da verdade que liberta, 51

JOSÉ COMBLIN. Paulo e a mensagem de liberdade, 64

Recensões, 71

Podemos esperar e até desejar que o grande cientista do Antigo Testamento venha ainda a nos fornecer uma história de Israel que desenvolva e amplie o que é dito neste ensaio tão rico e preciso. Ousamos dizer que as comunidades populares e os exegetas que querem ajudar a leitura popular da Sagrada Escritura esperam uma tal obra.

Os leitores ficariam contentes e bem servidos se tivessem uma história de Israel feita a partir do desenvolvimento e dos conflitos trazidos pelo modo de produção tributário nas suas diversas etapas. E neste desenvolvimento, ninguém melhor que o pe. Henri Cazelles para nos mostrar a formação e o desenvolvimento do movimento camponês e sua luta contra o Estado monárquico. A formação do Estado davídico, a reforma deuteronomista, a situação do judaísmo na época persa estão esperando um historiador do calibre de nosso autor para penetrar em profundidade nestas etapas da história do povo de Deus.

Podemos esperar também que as origens de Israel sejam abordadas na perspectiva nova como vêm sendo tratadas atualmente. A perspectiva diacrônica já deu seus frutos. Esperamos ver as origens de Israel tratadas numa perspectiva sincrônica e sociológica. Os grupos patriarcais, o êxodo dos escravos do Egito, e a vida das tribos no tempo dos "juízes" merecem uma abordagem mais sociológica. Este trabalho feito por um grande mestre será de grande proveito para a leitura da Bíblia em nossas comunidades populares.

Agradecendo ao autor por esta sua obra, aqui deixamos o nosso desejo que beneficiará milhares e milhares de leitores, principalmente na América Latina.

Gilberto Gorgulho

Apócrifos del Antiguo Testamento, tomo I, Introducción General. Por Alejandro Díez Macho. Madri, Ediciones Cristiandad, 1984, 416 p.

Recuperar a voz, as palavras pronunciadas pelo povo em meio ao qual se deu a atuação e pregação de Jesus e de seus companheiros não é tarefa fácil nem de menor importância.

Esta obra é o último e maior esforço de Alejandro Díez Macho (1916-1984) de recuperação da literatura apócrifa judaica no período intertestamentário (condensada entre 200 aC e 200 dC). É um dos pontos altos de um trabalho comunitário de reflexão e pesquisa competente que se vem realizando na Espanha, características essas que se refletem na obra toda que ele organizou e introduz, pois esse trabalho continuará naturalmente, mesmo após o seu falecimento. A introdução baseia-se principalmente nos quatro primeiros tomos que eram o planejamento inicial da obra, hoje já prevista para mais de seis. Traz ao público de fala espanhola o texto, contexto e traços particulares (bem como a discussão científica) de cada escrito. Promete oferecer cada vez mais adequados instrumentos para a compreensão da teologia popular judaica desse período.

Em sua primeira parte (Natureza e origem dos Apócrifos), põe o leitor bem informado a respeito da pesquisa e discussão, tanto a clássica como a mais recente, sobre: esta literatura; o "meio social, político e religioso em que nasce a literatura apócrifa" (cap. VII); "os diversos tipos de comunidades judaicas refletidas nos livros apócrifos" (cap. VIII); as principais correntes de interpretação teológica da época; sua influência no NT; a sua linguagem mítica e seu acesso à realidade; além de traçar "tarefas urgentes" de pesquisa.

A segunda parte (Apócrifos do Antigo Testamento) oferece informações básicas sobre autoria, datação, língua e contexto, além de uma boa e sucinta exposição do conteúdo teológico de cada um dos 38 escritos que compõem o núcleo central (enquadrado nos critérios acima mencionados utilizados para a delimitação de "Apócrifos do A.T.").

A terceira parte (Teologia dos Apócrifos) oferece uma análise — que respeita a particularidade dos escritos — sobre quatro temas básicos no modo próprio em que aparecem tratados. Os temos são: Deus, Angelologia (e demonologia), Pessimismo e dualismo, Reino de Deus e escatologia.

É relevante para a exegese sociológica o esforço por compreender a configuração da simbologia própria de cada grupo de reflexão dessa época (quase tantos quantos são os textos). O autor vê com clareza a relação entre a produção literária e a vida dos grupos da época. Os textos são vistos como fruto dessa realidade sócio-política e teologicamente polêmica. O trabalho privilegia a diversidade do pensamento desses grupos, não tentando fazer sínteses muito apressadas, não tentando ver tantas confluências. Também, há o esforço em perceber os textos em sua diacronia, ou seja, notando os diferentes momentos que levaram as comunidades a acrescentar algo mais a um texto já começado. Assim, a história dos textos reflete a história das comunidades. O autor chama a atenção para o fato de que esse pensamento popular judaico foi bastante valorizado por Jesus e pelo cristianismo primitivo; a maior parte dos textos que possuímos foi preservada em edificações cristãs orientais. Começa com o sínodo de Yabné (Jâmnia) desde 70 dC, com a ortodoxização do judaísmo; e lá pelo 4º séc., com a institucionalização do cristianismo, a marginalização, em cada um desses meios, desta literatura popular religiosa. Ainda não havia, nem no judaísmo nem no cristianismo, uma ortodoxia, mas uma busca da ortopráxis, ou seja, da forma mais adequada de agir (política e religiosamente), de modo a resistir e participar da vinda do Reino de Deus.

Infelizmente, o autor não chega a entrar na relação entre a estrutura sócio-*econômica* e a produção ideo-teológica (tarefa para uma abordagem sociológica desta literatura). Talvez seja interessante pesquisar a relação entre a crescente interferência estatal na produção, na organização e na distribuição dos meios de produção como base da fragmentação da organização popular (de sua fé e de sua resistência).

A obra é importantíssima por sua competência, atualização e modo sucinto de apresentar. É um trabalho de referência, para ser consultado como instrumental de qualidade para pesquisa e orientação na elaboração de uma boa exegese sociológica dos textos desse período.

Marcos Calovi

A leitura sociológica do sacrifício zebah em 1Sm—1Rs 12 (manuscrito da tese de mestrado em Teologia pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, 1987). Por Shigeyuki Nakanose.

O programa de formação de exegetas a serviço das comunidades populares está em andamento na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. Temos a imensa satisfação de apresentar um primeiro resultado promissor e incentivo para os seus futuros seguidores. A tese de mestrado em Teologia com ênfase em Estudos Bíblicos foi defendida oralmente, no dia 22 de abril de 1987, diante dos examinadores: pe. Benedito Ferraro, pastor Milton Schwantes e fr. Gilberto Gorgulho, OP.

A hipótese de trabalho é a mudança da função social do sacrifício *zebah*, na transição social ocorrida no período do reinado de Saul e Davi/Salomão. O autor, utilizando-se das conquistas da exegese, avança significativamente na compreensão da função social da religião javista na passagem do tribalismo para a formação do estado tributário. A análise se faz com a ajuda da sociologia. Penetra na ambigüidade da religião utilizada pela classe dominante que organiza o Estado tributário. O autor mostra o papel de legitimação da religião a partir do grupo dominante através da centralização e exploração do "excedente" (tributo tirado dos camponeses pelo recém-criado Estado tributário). O "excedente" torna-se o feitiço que determina todos os níveis da formação social. É este dado que possibilita compreender a matriz sociológica do sacrifício *zebah* e a mudança de sua função social. A análise do "excedente personificado" permite compreender uma economia do ganho que leva à "morte". O sacrifício torna-se um meio de exploração para a classe estatal. Mas, continua a manter seu papel de protesto (de resistência) a partir do grupo dominado e explorado na linha primitiva da socialização do "execedente"; insiste sobre a "vida" e é sinal da partilha igualitária em um modo de produção tribal.

Fazendo uso da economia, o autor procura ligar o sacrifício *zebah* com a base real da sociedade israelita no período da formação do Estado tributário. Com isso, sua hipótese ganha relevo e explicita ainda mais claramente a mudança da função social deste sacrifício. É neste particular que o trabalho tem seu ponto alto. O texto bíblico consigna o uso deste sacrifício (1Sm 15,9.13-15.22). Esta observação já havia sido preparada pela análise de 1Sm 13,9, onde o autor nota a ausência do *zebah* e sua substituição por *'olâh* (= holocausto) e *shelamim* (comunhão). Avança aí a hipótese de que estaríamos diante de uma tradução ao nível simbólico da "quebra da aliança de Saul com as antigas lideranças tribais,